

O dia em que descobri que eu não era inteligente

Que dia que descobri que eu não era inteligente? Isso foi lá para depois dos trinta anos. Olhei ao meu redor, olhei para mim mesmo, para minha vida, para meus fracassos, para minha conta bancária, para meus sonhos irrealizados, para minhas frustrações, para meu passado de doenças nervosas, como a depressão e a síndrome do pânico, e vi que toda minha pose de inteligente não passava de um auto-engano.

Como poderia achar que eu era inteligente se minha vida estava paralisada, se me sentia infeliz, se não estava realizando meus propósitos pessoais?

Desde criança, sempre ouvira das pessoas palavras de elogios acerca dessa minha tal inteligência. Mas, agora, perdido nos fracassos, no medo, na dúvida, me arrastando, tinha a verdade contra mim, a minha vida, o que tinha conseguido fazer dela, que era algo distante do que eu sonhara.

Mas não é fácil a gente reconhecer que é um idiota, porque a gente aprende que a inteligência se mede por se falar bem, por fazer raciocínios fantasiosos que impressionam, por fazer as análises supostamente melhores ou, quem sabe, vistas como mais profundas. Mas a ruína pessoal era como um espelho, todos os dias, me mostrando que eu não era inteligente coisa nenhuma, muito menos um sábio. Não passava de um idiota.

O pior é que as pessoas arruinadas são as que mais querem ensinar. E eu sempre fui assim. O psicólogo de todo

mundo, o doutor intelectual, o sabe-tudo. Mas de noite tinha que lidar com a verdade no silêncio da solidão, a verdade de que eu não conseguia aplicar as coisas que eu falava. Era, como vejo em muitos, alguém que fazia bastante barulho quando falava, que arrancava elogios, me enganando que estava vivendo, de verdade, o que eu queria viver.

Acho que, como a maioria, confundi prática com estudo, fazer com aprender, viver com contemplar, e, amante da vida mental, como só um inteligente pode ser, achava que isso era realmente viver. Acho que, de certa forma, isso acontece também na era virtual. Mas isso é assunto para outro momento.

O caso é que precisei exercitar mais minha vontade e recuperar um pouco de confiança em mim mesmo para reconhecer que eu sempre fora um papagaio que repetira a sabedoria dos outros, que se encantara com a vida dos outros, e que era um verdadeiro idiota sobre minha vida, mergulhada no fracasso.

Não se iluda, não pretendo aqui ficar contando um testemunho para impressioná-lo de nada. Inclusive porque, por exemplo, ainda não realizei muitas e muitas coisas que pretendo, apenas comecei a fazer isso. Mas sei que preciso me manter atento para não deixar que a soberba me domine como ocorreu durante toda minha vida (e é fácil cair nela sempre). E não digo isso para bancar o humildezinho. Reconhecer que sou um idiota é, hoje, para mim, questão de sobrevivência e de realismo. E mais do que

isso: uma proteção contra uma fantasia que paralisa a vida: a fantasia de se achar que se é inteligente, sábio e esperto.

Noé Amós Guieiro é professor e escritor. Fundador do Instituto Liberdade Individual, é o apresentador do canal que leva seu nome e autor de inúmeros livros publicados na Amazon.

www.institutoliberaldeindividual.com